

**Biu Ramos e os elementos da Jornada do Herói na  
biografia de Tarcísio Burity**

*Biu Ramos and the elements of hero's journey in  
the biography of Tarcísio Burity*

Samuel Amaral Veras BONIFÁCIO<sup>1</sup>  
Glória de Lourdes Freire RABAY<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo principal identificar os elementos da Jornada do Herói presentes na biografia *Burity: Esplendor e Tragédia*, sobre o ex-governador da Paraíba, Tarcísio de Miranda Burity, escrita pelo jornalista Biu Ramos. O método utilizado foi o da Análise de Conteúdo Qualitativa proposto por Bardin (1977), tendo como categorias de análise as fases da Jornada do Herói elencadas por Martinez (2008), com suas respectivas etapas. Como resultado, constata-se que as fases da *Partida* e da *Iniciação* se mostram bastante delimitadas na narrativa, o que não acontece com a fase do *Retorno*. Antes da análise em si, faz-se um apanhado histórico sobre biografias assinadas por jornalistas; é traçado um breve perfil da vida e da carreira jornalística e literária de Biu Ramos; e descreve-se as fases e etapas da Jornada do Herói.

**Palavras-chave:** Biu Ramos. Tarcísio Burity. Jornada do Herói. Biografias. Memória.

**Abstract**

This article aims to identify the elements of the Hero's Journey present in the biography *Burity: Splendor and Tragedy*, about the former governor of Paraíba, Tarcísio de Miranda Burity, written by journalist Biu Ramos. The method used was the Qualitative Content Analysis proposed by Bardin (1977), having as analysis categories the stages of the Hero's Journey listed by Martinez (2008), with their respective stages. As a result, it appears that the Departure and Initiation phases are quite delimited in the narrative, which does not happen with the Return phase. Before the analysis itself, a historical overview of biographies signed by journalists is made; a brief profile of the life and journalistic and literary career of Biu Ramos is outlined; and the phases and stages of the Hero's Journey are described..

**Keywords:** Biu Ramos. Tarcísio Burity. Hero's Journey. Biographies. memory.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - UFPB. E-mail: samuel.amaral95@gmail.com

<sup>2</sup> Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas (UFPB). E-mail: gloriarabay.ufpb@gmail.com

## Introdução

Pesquisadores das narrativas biográficas e das histórias de vida frequentemente se referem ao biógrafo como um *voyeur* interessado na vida dos outros. Muito embora este artigo não seja unicamente perfil, tampouco uma biografia digna do nome, ele nasce de um reconhecido *voyeurismo* em torno da figura de um dos jornalistas mais renomados da Paraíba, apontado por seus pares de “batente” como um dos melhores de sua geração: Biu Ramos.

Em mais de meio século de carreira, Ramos deixou uma profícua produção jornalística e literária, que inclui diversos perfis biográficos, crônicas e livros-reportagem. Este artigo se debruça sobre seu último livro, a biografia do ex-governador paraibano Tarcísio de Miranda Burity, intitulada *Burity: Esplendor & Tragédia*, publicada em 2008.

Já nos agradecimentos do livro, Biu Ramos evidencia o caráter testemunhal e documental da obra, ao salientar a contribuição da viúva de Tarcísio Burity, dona Glauce Maria Navarro Burity, “que colocou à disposição do autor o arquivo pessoal do ex-governador, além de seus depoimentos sobre episódios por ela testemunhados e vividos ao longo de toda a sua convivência com o personagem principal deste trabalho” (RAMOS, 2008, p. 8). Apesar de ter convivido de perto com Tarcísio Burity, como repórter político, aluno, candidato a deputado, secretário de estado e superintendente do jornal *A União*, Biu Ramos não fez da biografia um panegírico ao ex-governador, mas apresentou um homem cercado de contradições, que, como o próprio título da obra evidencia, viveu o “esplendor” e a “tragédia”.

Biu Ramos escreveu *Burity: Esplendor e Tragédia* aos 70 anos, já aposentado. Nesse sentido, trata-se do livro da maturidade do escritor e que encerra sua produção literária, razão pela qual foi escolhido para esta análise. O objetivo é identificar se na construção da narrativa estão presentes os elementos da Jornada do Herói elencados no livro homônimo de Martinez (2008). Nele, a autora adapta o arquétipo concebido por Joseph Campbell, estruturando a jornada em três fases com suas respectivas etapas. Para além da consulta às fontes documentais, o método escolhido foi a Análise de Conteúdo Qualitativa de Bardin (1977), que recomenda o estabelecimento de categorias de análise. As categorias utilizadas foram as três fases da jornada: *Partida*, *Iniciação* e *Retorno*, com suas 12 etapas.

O artigo está estruturado em torno dos seguintes tópicos: as convergências e divergências entre jornalistas e historiadores; as biografias escritas por jornalistas; um breve perfil da vida e obra de Biu Ramos; considerações sobre a Jornada do Herói; e, por fim, a análise em si envolvendo a descrição da metodologia adotada e os resultados encontrados.

### **Biografias assinadas por jornalistas**

Nos últimos 10 anos, as biografias foram presença constante no ranking da *PublishNews*, elaborado a partir da soma simples das vendas de todas as livrarias consultadas pelo site. Muito embora corresponda a uma amostra e não ao universo total de livros vendidos no Brasil, o ranking indica tendências importantes no mercado editorial brasileiro. Em 2020, dos 20 livros mais vendidos na categoria não-ficção, quatro (20%) eram relacionados a histórias de vida.<sup>3</sup>

Não obstante, há quase 25 anos as biografias vêm alcançando relativo sucesso editorial no Brasil. Schmidt (1997) recorda a reportagem *Os Caçadores da História*, publicada pela jornalista Renata Baldi na revista *Manchete*, em 1996, que celebrava os jornalistas autores de biografias *best-seller*, como Fernando Morais (*Chatô - O Rei do Brasil*), Ruy Castro (*O Anjo Pornográfico - A Vida de Nelson Rodrigues* e *Estrela Solitária - Um Brasileiro Chamado Garrincha*), Jorge Caldeira (*Mauá - Empresário do Império*), entre outros.<sup>4</sup>

Schmidt (1997) aponta quatro razões que explicam o êxito editorial do gênero biográfico entre os leitores brasileiros. A primeira delas é a busca de referências ideológicas e morais que possam servir de inspiração para a sociedade contemporânea cada vez mais massificada. O *voyeurismo* em torno da vida privada das personalidades históricas é a segunda razão considerada pelo autor, sobretudo porque contribui para saciar a curiosidade do público e humanizar os biografados, transformando-os em “gente como a gente”. Outra razão apontada é a crise do paradigma estruturalista a partir dos anos 1960. Tal perspectiva historiográfica dava pouco valor ao aspecto narrativo,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2020/0/0>. Acesso em: 26 fev. 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=292548>. Acesso em: 24 fev. 2021.

priorizando a análise das estruturas sociais e econômicas sobre as quais a sociedade estava assentada:

Essa oposição parece ser o grande ponto de discórdia entre historiadores para “aceitarem” a história escrita por jornalistas. Pode-se dizer inclusive que é ponto de discórdia entre duas correntes da própria disciplina histórica: narrativo e estrutural. Enquanto historiadores da narrativa escreviam “fulano quebrou a janela de vidro”, historiadores das estruturas escreviam “a janela de vidro quebrou porque era frágil, e era frágil porque era composta de elementos x, y e z. (CELESTINO, 2011, p. 5).

A crise do paradigma estruturalista coincidiu com a emergência do *new journalism* americano nos anos 1960, representada por uma geração de jornalistas-escritores como Tom Wolfe, Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese, que procuraram inserir técnicas literárias ficcionais em suas reportagens. Esse é o último aspecto levantado por Schmidt (1997) para justificar o sucesso das biografias entre os leitores.

No contexto da Paraíba, o jornalista Biu Ramos lançou em 1991 a biografia do ex-governador João Agripino Filho, intitulada *O Mago de Catolé*, pouco antes do boom das biografias escritas por jornalistas em meados dos anos 1990. Em 2008, ele lançou outro trabalho biográfico: *Burity: Esplendor & Tragédia*, sobre o também ex-governador Tarcísio de Miranda Burity, objeto da análise deste artigo. Ramos era considerado um dos melhores jornalistas de sua geração, reconhecido por “transformar as tragédias cotidianas em casos de Romeu e Julieta” (ALVES, 1989, p. 15). Tanto nas colunas políticas quanto nos livros publicados, ele soube conciliar jornalismo e literatura com reconhecida fluidez narrativa.

### **Biu Ramos: “Vocação e Idealismo”**

O título desta seção é o mesmo do plaquete em homenagem aos 50 anos de idade e 30 anos de jornalismo de Severino Ramos Pedro da Silva, o Biu Ramos, nascido em 19 de agosto de 1938 na Usina São João, no município de Santa Rita, região metropolitana de João Pessoa.

Ramos nasceu no seio de uma família muito pobre, em meio à cultura da cana-de-açúcar: seu pai era operário e morador da usina e sua mãe era parteira. Primeiro jornalista

negro da Paraíba, Biu Ramos teve de vencer uma série de dificuldades até se consolidar como uma das principais referências jornalísticas e intelectuais do estado. A primeira delas foi o acesso à educação: depois de ter cursado o primário no Grupo Escolar da Usina, ele ficou sem estudar, pois seus pais não tinham condições de pagar o transporte escolar para a capital.

Não obstante, Biu Ramos sempre demonstrou desenvoltura e se destacou entre os filhos dos operários, sobretudo nas peças teatrais promovidas pela direção da usina. Foi como cerimonialista de um Auto de Natal que Biu, então com 13 anos, chamou a atenção de Odilon Ribeiro Coutinho, dono da usina, que se propôs a custear seus estudos na Escola Industrial e posteriormente no Lyceu Paraibano, pelo qual passaram nomes de vulto da intelectualidade paraibana, como Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida e Celso Furtado. No Lyceu, ele se envolveu com o movimento estudantil, chegando a ocupar um cargo na direção nacional do movimento secundarista, no Rio de Janeiro. Desde cedo, Ramos demonstrava uma vocação irreprimível para o jornalismo, sendo leitor voraz dos periódicos aos quais tinha acesso com os módicos dois cruzeiros dados pela mãe: *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *A União* e *O Estado de São Paulo*.

Seu ingresso no jornalismo coincidiu com um evento que movimentou as redações de todo o país e marcou para sempre a cena política nacional: o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. Então com 17 anos, Ramos aproveitou a suspensão das aulas motivada pela morte do presidente para entregar pessoalmente na redação do jornal *Correio da Paraíba* um artigo de sua autoria, que foi publicado dias depois. Ramos tomou gosto pelo ofício e passou a colaborar com frequência com o *Correio*.

O primeiro cargo que exerceu no *Correio* foi o de datilógrafo oficial do então editor do jornal, Ivaldo Falconi. Biu aprendeu a datilografar no escritório da Usina São João aos domingos, quando não havia ninguém por lá. A partir de então, as portas do jornal foram abertas para ele, que construiu uma carreira sólida no jornalismo paraibano:

Foi tudo na sua profissão. Repórter parlamentar, chefe de reportagem, secretário de redação, editorialista, colunista, editor e diretor. E culminou como presidente da Associação Paraibana de Imprensa, eleito para dois períodos consecutivos. Esse ponto é a maior láurea a que pode aspirar um jornalista profissional. É a glória e ao mesmo tempo o reconhecimento dos companheiros àqueles que se destacam pelas posições de liderança que assumem perante a classe (ALVES, 1989, p. 13).

Depois de trabalhar por 14 anos no *Correio da Paraíba*, ingressou no jornal *O Norte*, onde passou a assinar a coluna *Linha Direta*, considerada leitura obrigatória do jornal. Na coluna, ele se mostrou um verdadeiro polemista, imprimindo um estilo crítico e, por vezes, ácido à crônica política. Ramos também entrou para a história ao se tornar o primeiro correspondente do *Jornal do Brasil* na Paraíba entre 1965 e 1975, e da Folha de São Paulo entre 1975 e 1985, bem como das revistas *Veja* e *Realidade*, considerada por Villas Boas (2003) um exemplo de qualidade pelos perfis publicados, permeados por recursos literários. Foi ainda o primeiro diretor da sucursal do *Diário de Pernambuco* em João Pessoa.

No setor público, foi o primeiro chefe de redação da Secretaria de Comunicação da Paraíba, em 1967, na gestão do então governador João Agripino. No governo seguinte, de Ernani Sátiro, foi diretor do jornal *A União* por apenas sete meses. Foi ainda redator da revista *Fatos & Fotos* e, em 1973, fundou ao lado de Jório Machado, Elpídio Navarro, Noaldo Dantas e Carlos Aranha o semanário *O Momento*, do qual foi o primeiro editor, até ser convidado para ocupar o cargo de assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de João Pessoa, na gestão do prefeito Hermano Augusto de Almeida.

Além do jornal impresso, Biu Ramos atuou no rádio, sendo o responsável por implantar o Departamento de Notícias da *Rádio Correio*, onde apresentou o programa *Diário Íntimo da Cidade*. Foi ainda diretor do Departamento de Jornais Falados da *Rádio Tabajara*, além de diretor artístico, tendo sido o responsável pela criação do programa *Salão de Debates*, que marcou época na radiofonia paraibana.

Ramos também esteve do outro lado do balcão da política paraibana, quando disputou o cargo de deputado estadual nas eleições de 1986, participando ativamente da eleição de Tarcísio Burity para governador. Mesmo não tendo sido eleito, atuou como secretário de Cultura, Esportes e Turismo da gestão Burity, além de ter sido superintendente do jornal *A União*.

Paralelamente aos embates diários na coluna *Linha Direta*, Biu Ramos cursou Direito na Universidade Federal da Paraíba, tendo prestado vestibular aos 37 anos. Ao sair dos bancos universitários, foi nomeado Procurador do Estado pelo governador Tarcísio Burity, que havia sido seu professor na faculdade.

Ramos deixou uma obra literária composta por oito livros. Sua primeira incursão na literatura foi com o celebrado livro *Arca de Sonhos - Ou Mocidade e outros Heróis* (1985); os dois volumes de *Crimes que Abalaram a Paraíba* (1989/1995); a já

mencionada biografia *O Mago de Catolé* (1991); *Memórias de um Repórter* (1994); *A verdade de cada um* (1998); *Era uma vez um boêmio: histórias e fantasias de mesa de bar* (2000); e *Burity: Esplendor & Tragédia* (2008). A biografia de Tarcísio Burity foi o último livro inédito da carreira do jornalista, que faleceu em 31 de julho de 2018, aos 79 anos, em decorrência de complicações de uma pneumonia.

### Considerações sobre a Jornada do Herói

O primeiro livro da carreira de Biu Ramos dá uma ideia do interesse do autor por contar histórias de vida. Em *Arca de Sonhos - Ou Mocidade e Outros Heróis*, ele apresenta um panteão de personagens que marcaram as décadas de 50 e 60 em João Pessoa: desde anônimos da boemia como Mocidade, Vassoura e Macaxeira, até intelectuais renomados como Walfredo Rodrigues e Augusto dos Anjos.

Já no título, Ramos se refere a seus perfilados como “Heróis”, não porque fossem semideuses ou heróis míticos, mas porque eram personagens demasiadamente humanas, que, com suas qualidades e defeitos, virtudes e vícios, foram escolhidos como protagonistas de uma história de vida, como lembra Martinez (2008). Nesse sentido, a Jornada do Herói abarca tanto as pessoas comuns quanto os “olimpianos”, na expressão do sociólogo francês Edgar Morin (1997).

A Jornada do Herói é constituída por um padrão narrativo com o qual os seres humanos estão habituados há milênios. Ela foi idealizada pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell no livro *O herói de mil faces*, publicado em 1949. Analisando os contos populares e os contos de fadas de todo o mundo, Campbell observou a existência de uma estrutura básica que perpassa todas as narrativas. Dessa forma, ele estruturou a Jornada do Herói em 17 etapas, divididas em três fases: a partida, a iniciação e o chamado à aventura<sup>5</sup>.

No final da década de 1990, o professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima adaptou a Jornada do Herói para a prática jornalística, tendo-a visto como uma potencial

---

<sup>5</sup> A divisão estabelecida por Joseph Campbell em *O herói de mil faces* foi a seguinte: a primeira fase, “a partida”, é composta pelo chamado à aventura, a recusa ao chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia. A segunda fase, “a iniciação”, é constituída pelo caminho das provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose e a benção última. Por fim, na terceira e última fase, “o retorno”, são contempladas as seguintes etapas: a recusa do retorno, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, o senhor de dois mundos e a liberdade para viver (MARTINEZ, 2008, p. 55-56).

ferramenta para a construção de histórias de vida de pessoas reais. Lima, no entanto, condensou a Jornada do Herói em oito etapas.<sup>6</sup> Por fim, Mônica Martinez apresentou sua própria versão da estrutura da Jornada do Herói, não como um modelo fechado, mas como uma hipótese aberta dividida em 12 etapas distribuídas em três fases.

A primeira fase é a da *Partida*, composta pelas seguintes etapas: 1. *cotidiano*, que apresenta o protagonista no seu mundo comum, com suas inquietações, insatisfações e conflitos; 2. *chamado à aventura*, quando acontecerá o anúncio que irá tirar o herói da sua vida comum; 3. *recusa ao chamado*, onde o herói se sente tentado a não embarcar na jornada; 4. *travessia do primeiro limiar*, quando o protagonista finalmente se decide por seguir, ainda que tomado de dúvidas.

A segunda fase é a da *Iniciação*, dividida da seguinte forma: 5. *testes, aliados e inimigos*, quando o herói supera os primeiros obstáculos, sendo ajudado pelos amigos e atrapalhado pelos inimigos; 6. *caverna profunda*, o momento mais crítico da partida, onde o herói se prepara o máximo que pode e avalia suas reais chances e o jogo do adversário; 7. *provação suprema*, que representa o clímax, o acontecimento central da narrativa, quando o herói enfrenta a morte, seja ela física ou simbólica; 8. *encontro com a deusa*, onde o herói ou heroína trava contato com os padrões arquetípicos do masculino e feminino; 9. *recompensa*, quando, depois de ter sobrevivido às provas finais, o herói pode, enfim, ser digno de tal epíteto.

A terceira fase é a do *Retorno*, que abarca as três últimas etapas da jornada: 10. *caminho de volta*, em que o herói retorna para o seu cotidiano; 11. *ressurreição*, que é o ponto mais alto da história, que marca mudanças nas atitudes, conduta e ações do herói, depois da provação suprema; e, por fim, 12. *retorno com elixir*, onde finalmente o herói volta à cotidianidade, ainda que tal processo possa ser conflituoso.

Cumprido destacar que, “ainda que para efeitos didáticos sejam descritos os 12 passos da Jornada do Herói, esta sequência não precisa ser necessariamente linear, pois cada plano pode ser posto em relação a qualquer outro” (MARTINEZ, 2008, p. 50). Também não é necessário que todas as etapas sejam contempladas na narrativa.

---

<sup>6</sup> Edvaldo Pereira Lima foi mais conciso no estabelecimento de etapas. São elas: cotidiano, chamado à aventura, recusa, desafios, caverna profunda, testes, recompensa e retorno (MARTINEZ, 2008, p. 62).

### Elementos da Jornada do Herói em *Burity: Esplendor & Tragédia*

Para identificar os elementos da Jornada do Herói presentes na biografia de Tarcísio Burity, o método escolhido foi a Análise de Conteúdo Qualitativa, que busca verificar “a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (BARDIN, 1977, p. 21). Para tanto, as categorias de análise concebidas foram as etapas da Jornada do Herói teorizadas por Martinez (2008).

Na fase da *Partida*, na etapa do *cotidiano*, Tarcísio Burity é apresentado ainda como um menino que havia ficado órfão de mãe aos 11 anos de idade. Depois da perda marcante, ele pediu a autorização do pai para estudar no Seminário Arquidiocesano, uma vez que se impressionava com estilo de vida dedicado e introspectivo dos seminaristas. No entanto, depois de sete anos vivendo na instituição religiosa, “por intuição e pelas inquietações naturais que já lhe atormentavam o espírito, começou a formular alguns questionamentos sobre sua fé e crenças religiosas” (RAMOS, 2008, p. 24). Ao deixar o Seminário, Tarcísio Burity fez o vestibular para Direito, tendo passado em primeiro lugar. A partir desse momento, Biu Ramos subverte a estrutura narrativa da Jornada do Herói, trazendo para a fase da *Partida* uma etapa típica da fase da *Iniciação*, que é o *encontro com a deusa*, quando Tarcísio Burity conhece e se apaixona por aquela que viria a ser sua esposa, Glauce Burity.

Depois dessa aparente quebra na estrutura narrativa, Ramos retoma o *cotidiano* de Burity como um dedicado profissional do Direito, tendo assumido os mais diversos cargos na carreira jurídica: promotor público, funcionário do Tribunal Regional Eleitoral e professor assistente de Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, da qual se tornou membro efetivo após realizar pós-graduações na França e na Suíça.

As aulas de Direito faziam parte do *cotidiano* de Burity, até ser indicado para ocupar o posto de secretário da Educação no governo de Ivan Bichara. O herói da história estava em sua zona de conforto, como sugere Biu Ramos: “Mesmo exercendo um cargo executivo na administração estadual, Tarcísio jamais havia se interessado pela atividade político-partidária. Não que tivesse aversão à política, mas faltava-lhe vocação, aptidão

natural para filiar-se a uma legenda, mesmo que por diletantismo” (RAMOS, 2008, p. 48).

Ser secretário de estado, no entanto, ainda não era o destino do herói da narrativa contada por Biu Ramos. A etapa do *chamado à aventura* só viria com sua indicação para o governo da Paraíba nas eleições indiretas de 1978, no período em que os governadores eram escolhidos pelos presidentes militares da ditadura. Martinez (2008) afirma que o anúncio da aventura pode chegar num momento de relativa tranquilidade, caracterizando-se como uma ruptura na vida do protagonista. E é assim que Biu Ramos descreve a indicação de Burity ao governo:

O nome de Tarcísio Burity só começou a frequentar o noticiário depois da indicação de Brasília. Permaneceu incógnito enquanto durou o processo, como se fosse um segredo a ser guardado a sete chaves. *Ele próprio nunca imaginou que estivesse sendo cogitado ou que, ainda jovem e sem experiência administrativa, viesse ascender à suprema magistratura do seu estado* (RAMOS, 2008, p. 56-57, grifo nosso.)

A etapa seguinte, da *recusa ao chamado*, é representada pela surpresa de Burity ao ser cogitado para ao cargo de governador, já que nunca havia tido pretensões políticas. Ramos transcreve o depoimento do protagonista da jornada, no qual afirma que seu único projeto pessoal era o de se dedicar à carreira acadêmica e fazer mestrado na Alemanha. Uma vez que havia conseguido uma bolsa de estudos naquele país, ele não cogitava mudar de planos, ainda que se sentisse honrado em ter o nome ventilado para o cargo. Mas, uma vez confirmado na lista de cotados, Burity fez a *travessia do primeiro limiar*. Tal passagem geralmente acontece quando o herói da jornada trava contato com seu mentor e é preparado por ele para assumir o chamado. No caso de Burity, Biu Ramos apresenta dois mentores: o ex-ministro José Américo de Almeida e o então governador Ivan Bichara.

A fase seguinte corresponde à *Iniciação*, e começa com os *testes, aliados e inimigos*. O primeiro teste de Burity para assumir o governo do estado foi vencer a convenção da Arena, partido que dava sustentação à ditadura, ao qual ele se filiou na condição secretário da Educação. O principal oponente de Burity no teste era o deputado federal Antônio Mariz. O então governador Ivan Bichara, um dos mentores de Burity, teve um papel central na disputa:

O governador previa um racha no partido e já constatarara que não adiantava colocar panos mornos. Já Burity levantou a bandeira da paz, preferindo vibrar a tecla da conciliação a brandir o tacape da guerra. “Vim para unir, não para dividir” - anunciou, já sentindo o fardo da responsabilidade que começava a pesar sobre seus ombros (RAMOS, 2008, p. 60).

Biu Ramos afirma que os dias que antecederam a convenção foram marcados por nervosismo e expectativa. No plenário da Assembleia Legislativa, os aliados de cada candidato se digladiavam em discursos inflamados, entrecortados por vaias, apupos e aplausos dos lados em disputa. No entanto, Burity venceu o primeiro teste e sagrou-se governador com a maioria dos votos dos delegados da legenda.

Martinez (2008) afirma que, nesse ponto da jornada, é importante perceber quem são os co-atores da narrativa. Nesse sentido, Biu Ramos apresenta novos personagens na jornada de Tarcísio Burity. Um deles é o guardião, ou seja, aquele que é o responsável por proteger o protagonista e lhe indicar novos caminhos. No caso de Burity, o guardião era o então governador de Pernambuco Marco Maciel. Em 1982, quando se aproximava o final do mandato como governador, Burity foi convencido por Maciel a concorrer a um cargo eletivo, para não ficar exposto “à fúria de inimigos e adversários, que iriam bombardeá-lo com denúncias e acusações de toda natureza, e ele precisava de uma tribuna para defender-se” (RAMOS, 2008, p. 64). Seguindo o conselho do guardião, Burity se candidatou a deputado federal, concorrendo pela primeira vez a um mandato pelo voto direto e sendo eleito com a maior votação já conseguida na Paraíba para o cargo.

Ao longo da narrativa, Biu Ramos também apresenta os aliados de Burity ao longo do primeiro mandato como governador, como o secretário de Administração Oswaldo Trigueiro. Outro co-ator da jornada é Wilson Braga, sucessor de Burity no comando do estado e apresentado por Ramos como seu arqui-rival. Antes mesmo de tomar posse no governo em 1983, Braga já revelava o propósito de atrapalhar a vida pública de Burity, por vê-lo como uma liderança nova, surgida há menos de cinco anos, mas que dava mostras de que iria se consolidar politicamente.

Ramos descreve uma série de armadilhas colocadas por Wilson Braga, como sua aliança com Marco Maciel, que traiu seu papel de guardião de Tarcísio Burity, para assumir o comando do Partido da Frente Liberal (PFL) e impedir a filiação do rival. Isolado no PDS (Partido Democrático Social), Burity optou por ingressar no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A etapa da *caverna profunda* é descrita por Martinez (2008) como um jogo de xadrez, no qual o jogador avalia suas reais chances de vencer e estuda o jogo do adversário. Na jornada de Tarcísio Burity, esse momento começa com a sua candidatura para governador em 1986, no lugar de Wilson Braga. Burity deixou o PTB e ingressou no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), à convite do então senador Humberto Lucena, já que as pesquisas eleitorais mostravam o crescimento do seu nome em todas as regiões do estado. Confirmado na disputa, Burity venceu o candidato de Braga, o então senador Marcondes Gadelha, do PDS:

A caminhada de Tarcísio Burity no seu retorno ao Palácio da Redenção não foi menos espinhosa do que a que empreendeu oito anos antes, para alcançar a indicação indireta. Teve que transpor inúmeras barreiras e obstáculos, porque se transformara no alvo de grupos e facções que não se conformavam com a consolidação do seu prestígio político e eleitoral, consumado ao término do seu primeiro mandato. Agora ele representava uma ameaça concreta às lideranças tradicionais, apegadas aos privilégios do poder que desfrutavam ao longo de mais de vinte anos (RAMOS, 2008, p. 114).

Burity não conseguiu repetir o êxito do seu primeiro mandato e experimentou uma série de revezes antes mesmo de assumir o governo, a começar pela morte do seu vice, Raymundo Asfora, em circunstâncias suspeitas. Seu antecessor e inimigo Wilson Braga também havia deixado armadilhas, ao entregar o governo com as finanças públicas combalidas, graças a uma série de nomeações para cargos públicos que comprometeram a saúde fiscal do estado. Burity também ganhou novos inimigos, como os senadores Raimundo Lira e Humberto Lucena, do PMDB, além do então ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega. Além disso, enfrentou embates constantes com os deputados da Assembleia Legislativa, tendo sido acusado de corrupção nas reformas de sua casa de veraneio na praia de Camboinha.

Sem ter um vice-governador e sem confiar nos parlamentares paraibanos, Burity recusou o convite do então presidente José Sarney para assumir uma cadeira como Ministro do Supremo Tribunal Federal, para não ter que deixar o governo nas mãos dos seus inimigos políticos. Isolado no PMDB, o governador optou por se filiar ao Partido da Reconstrução Nacional (PRN), do então candidato à presidência Fernando Collor de Mello. Burity foi o único governador do país a apoiar a candidatura de Collor. Mesmo

assim, foi no governo Collor que Burity enfrentou seu maior revés político: a liquidação extrajudicial do Paraiban, o banco público do estado.

Nas eleições de 1990, Tarcísio Burity apoiou a candidatura de João Agripino Neto do seu partido, o PRN. Mas a impopularidade do governador era tão alta que Agripino sequer chegou ao segundo turno, que foi disputado por Wilson Braga (PDT) e Ronaldo Cunha Lima (PMDB), que acabou saindo vitorioso no pleito.

Três anos depois, em novembro de 1993, o herói da jornada parecia ter entrado no ostracismo político, já que não tinha mandato eletivo. Mesmo fora dos holofotes, Burity foi apontado como mentor de denúncias de corrupção contra Cássio Cunha Lima, filho do governador Ronaldo Cunha Lima, que ocupava o cargo de superintendente da Sudene. As acusações contra Cássio eram feitas pelo padre Júlio Paiva, da Igreja Católica Brasileira de Campina Grande, que era considerado um testa de ferro de Burity, mesmo tendo sido seu ferrenho adversário no passado.

No dia quatro de novembro de 1993, foi ao ar em rede nacional de televisão o programa do Partido da Mobilização Nacional (PMN), do qual o padre Júlio era dirigente. Ele aproveitou a ocasião para repetir as denúncias contra Cássio Cunha Lima. No dia seguinte, o governador Ronaldo Cunha Lima quis vingar a honra do filho, maculada com as denúncias, e se dirigiu armado para o restaurante Gulliver, onde o ex-governador Tarcísio Burity estava almoçando depois de ter concedido uma entrevista para uma emissora de TV local.

No capítulo *Tragédia do Gulliver*, Biu Ramos descreve a *provação suprema* do herói da jornada, reproduzindo um trecho de uma reportagem da revista *Veja* sobre o episódio:

O governador Ronaldo Cunha Lima atravessou a porta como um ator de filme de faroeste. Olhava em frente e caminhava como alguém que sabia exatamente onde estava indo, com um rosto contraído e muito determinado. Atrás, perto dele, seguia seu irmão, que também parecia embriagado. Com a camisa fora da calça e o revólver escondido na cintura, o governador foi até a mesa de Burity, no fundo do restaurante. A menos de um metro de distância, bateu no ombro do adversário com a mão esquerda, enquanto com a outra apontava o revólver para sua cabeça. Disparou três vezes seguidas e acertou duas. O primeiro tiro foi disparado quando Burity se virou para ver quem o chamava. A bala atravessou o lado esquerdo do queixo, arrancou três dentes, feriu a língua e abriu um buraco na bochecha direita do ex-governador. Caído sob a mesa, Burity levou mais uma bala, desta vez no tórax, que furou-lhe o pulmão e foi se alojar no abdômen. Agarrado pelo braço pelo ex-

deputado Manuel Gaudêncio, Cunha Lima errou o último disparo (VEJA, 1993 apud RAMOS, 2008, p. 267)

Depois dos disparos, Ronaldo Cunha Lima fugiu em direção à Campina Grande, enquanto Burity agonizava no salão do Gulliver. Mesmo sangrando em profusão, ele conseguiu se levantar e caminhar até a porta do restaurante, onde foi socorrido pelo construtor Tadeu Pinto até o hospital. Antes de ser internado, Burity escreveu um bilhete para os filhos pedindo que eles não se vingassem.

A última fase da Jornada do Herói, o *Retorno*, não se concretizou na trajetória de Tarcísio Burity. Ronaldo Cunha Lima chegou a ser preso pela Polícia Federal, mas logo foi solto por força de um *habeas corpus* e, depois de um afastamento de 21 dias, voltou ao cargo de governador. Biu Ramos narra que Burity não teve forças para empreender o *caminho de volta* para a vida normal:

A partir do momento em que retornou do hospital para sua residência, passou a viver em permanente estado de tensão, alternando com crises de depressão e angústia, dominado pela síndrome do medo. Não era mais o homem tranquilo e bem-humorado que costumava ser, transformando-se numa pessoa obcecada com a integridade física sua e da família (RAMOS, 2008, p. 301)

Segundo Martinez (2008), a *ressurreição* é a etapa mais alta da narrativa e provoca uma sensação de catarse. Depois da *provação suprema*, o herói vive o clímax da história, onde se encontra frente a frente com a morte. Esse ponto marca as mudanças profundas nas atitudes, conduta e ações do herói. Como Ramos afirma acima, Burity não voltou a ser o mesmo depois dos tiros e mudou radicalmente seu estilo de vida. A última etapa, o *retorno com o elixir*, também não se concretiza. Nessa etapa, o herói da narrativa volta à vida comum, ainda que enfrente conflitos internos. A vida comum de um político como Burity é disputar eleições, exercer cargos públicos, mas, nas eleições de 1994, Burity se dispôs a concorrer a uma vaga de senador pelo PFL, disputando justamente contra Ronaldo Cunha Lima. Ele iria integrar a chapa de Lúcia Braga, esposa de seu ex-arqui-rival Wilson Braga, que disputaria o governo do estado. No entanto, Burity renunciou à candidatura alegando estar sendo ameaçado. Depois disso, ainda se candidatou a senador nas eleições de 1998 e 2002, mas não conseguiu se eleger, ficando na segunda e na quarta colocações, respectivamente.

Burity morreu aos 63 anos, em oito de julho de 2003, depois de ficar três dias internado no Incor, em São Paulo, vítima de uma parada cardíaca irreversível e falência múltipla dos órgãos.

### Considerações finais

Pode-se depreender da análise acima que, ainda que inconscientemente, Biu Ramos se valeu de boa parte do arquétipo da Jornada do Herói para escrever a biografia de Tarcísio Burity, o que só reforça a tese de Joseph Campbell de que a jornada é uma estrutura narrativa com a qual os seres humanos estão adaptados há milênios. Apenas a fase do *Retorno* não foi contemplada na narrativa pela própria história de vida do entrevistado.

A escrita biográfica também é uma importante fonte para conhecer a história. Nesse sentido, Biu Ramos não se comportou “apenas” como jornalista, um “historiador do instante”, mas se debruçou sobre as fontes documentais como o arquivo pessoal do ex-governador Burity para compor a narrativa. Agindo assim, reuniu as qualidades tanto de historiador quanto de jornalista, posto que foi testemunha de boa parte dos governos Burity, não só como repórter político, mas como aluno, candidato, secretário e superintendente do jornal *A União*.

Um último aspecto a ser ressaltado é o *feeling* para a escrita de Ramos, uma vez que o lançamento de sua primeira biografia sobre o também ex-governador João Agripino antecedeu o sucesso editorial das biografias escritas por jornalistas em meados da década de 1990, num movimento que tem reflexos até hoje.

Por fim, este artigo busca despertar o interesse pela figura relevante de Biu Ramos para o jornalismo e para a literatura da Paraíba, contribuindo para o resgate da sua memória, sobretudo entre as novas gerações de jornalistas e leitores, uma vez que uma parte significativa do seu trabalho profissional foi justamente produzir memória lutando contra o esquecimento. Nesse sentido, o artigo não se esgota aqui, já que muitas outras facetas de Biu Ramos podem ser exploradas em pesquisas futuras.

## Referências

ALVES, Magdalena. Vocação e idealismo. *In*: PARAÍBA. A União Superintendência de Imprensa e Editora. **Vocação e idealismo: Biu Ramos 30 anos de jornalismo**. João Pessoa: A União, 1989. p. 11-17.

CELESTINO, Luis. História e jornalismo: aproximações e distanciamentos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava. **Anais eletrônicos** [...]. Guarapuava: UNICENTRO, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20e%20jornalismo%20aproximacoes%20e%20distanciamentos.pdf/view>. Acesso em: 23 fev. 2021.

CRUZ, Lucia Santa. O repórter como historiador do tempo presente: notas sobre a relação entre jornalismo e memória social. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3., 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-8-historiografia-da-midia/o-reporter-como-historiador-do-tempo-presente-notas-sobre-a-relacao-entre-jornalismo-e-memoria-social/view>. Acesso em: 23 fev. 2021.

GESTEIRA, Felipe. Páginas Sangrentas. **Jornal da Paraíba**, [s. l.], 15 mar. 2012. Disponível em: <https://www.jornaldaparaiba.com.br/cultura/paginas-sangrentas.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GUEDES, Nonato. Biu Ramos: um enredo que começou na Arca dos Sonhos. **Os Guedes**, [s. l.], 30 jul. 2018. Disponível em: <https://www.osguedes.com.br/2018/07/30/biu-ramos-um-enredo-que-comecou-na-arca-dos-sonhos/>. Acesso em: 24. fev. 2021.

JORNALISTA Biu Ramos morre aos 79 anos em decorrência de uma pneumonia. **Jornal da Paraíba**. [s. l.], 29 jul. 2018. Disponível em: [https://www.jornaldaparaiba.com.br/vida\\_urbana/biu-ramos-morre-aos-79-anos-em-decorrencia-de-uma-pneumonia.html](https://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/biu-ramos-morre-aos-79-anos-em-decorrencia-de-uma-pneumonia.html). Acesso em: 24 jul. 2021.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MORIN, Edgard. **Cultura de massas do século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NUNES, Alexandre. Biu Ramos: a força de vontade, o poder da vocação. **Correio das Artes**, [s. l.], ano 69, n. 6, p. 4-9, Ago. 2018. Disponível em: <http://zeoserver.pb.gov.br/jornalauniao/auniao2/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/2018/correio-das-artes-agosto-de-2018>. Acesso em: 24 fev. 2021.

OSIAS, Silvio. Biu Ramos do texto impecável. **Jornal da Paraíba**, [s. l.], 29 jul. 2018. Disponível em: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/silvioosias/2018/07/29/biu-ramos-do-texto-impecavel/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

RAMOS, Biu. **Burity: Esplendor & Tragédia**. João Pessoa: Santa Marta, 2008. 340 p.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**. [s. l.], v. 10, n. 19, p. 3-21, Jul. 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>. Acesso em: 23 fev. 2021.